



HOMO OLYMPICUS: OLIMPISMO COMO INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO HUMANA

Resumo - No Brasil, a formação em Educação Física historicamente privilegiou abordagens biológicas e tecnicistas em detrimento de fundamentos filosóficos, sociológicos e humanísticos voltados à compreensão integral do ser humano. Nesse contexto, o Olimpismo, concebido por Pierre de Coubertin como uma filosofia de vida baseada no equilíbrio entre corpo, mente e espírito, apresenta-se como importante possibilidade pedagógica para a Educação Física contemporânea. O presente ensaio teórico teve como objetivo analisar o conceito de *Homo Olympicus* na sociedade contemporânea e discutir como a Educação Olímpica pode contribuir para a formação humana no âmbito do esporte educacional e escolar contemporâneo. Trata-se de um ensaio teórico, de abordagem qualitativa e caráter analítico-descritivo, fundamentado em revisão bibliográfica e análise documental. O percurso teórico foi estruturado a partir das categorias filosofia da educação, pedagogia do esporte, corporeidade, *fair play*, esporte educacional e os conceitos antropológicos de *Homo Ludens*, *Homo Gymnasticus*, *Homo Sportivus* e *Homo Olympicus*. Os resultados indicam que a Educação Olímpica amplia as possibilidades pedagógicas do esporte ao superar a lógica restrita do rendimento e da hipercompetitividade, valorizando princípios como respeito, amizade, cooperação, excelência e cidadania. Evidenciou-se ainda que o *fair play* informal e a valorização da corporeidade contribuem para superar perspectivas reducionistas presentes na Educação Física escolar. Conclui-se que o Olimpismo pode ser compreendido como filosofia da educação e instrumento formativo para a construção de sujeitos críticos, autônomos e socialmente comprometidos.

Palavras-chave: Olimpismo; Educação Olímpica; esporte escolar; formação humana.

HOMO OLYMPICUS: OLYMPISM AS AN INSTRUMENT OF HUMAN FORMATION

Abstract - In Brazil, Physical Education training has historically favored biological and technicist approaches to the detriment of philosophical, sociological and humanistic foundations aimed at the integral understanding of the human being. In this context, Olympism, conceived by Pierre de Coubertin as a philosophy of life based on the balance between body, mind and spirit, presents itself as an important pedagogical possibility for contemporary physical education. This theoretical essay aimed to analyze the concept of *Homo Olympicus* in contemporary society and discuss how Olympic Education can contribute to human formation in the context of contemporary educational and school sport. It is a theoretical essay, with a qualitative approach and analytical-descriptive character, based on bibliographic review and documentary analysis. The theoretical path was structured from the category's philosophy of education, sports pedagogy, corporeality, fair play, educational sport and the anthropological concepts of *Homo Ludens*, *Homo Gymnasticus*, *Homo Sportivus* and *Homo Olympicus*. The results indicate that Olympic Education expands the pedagogical possibilities of sport by overcoming the restricted logic of performance and hypercompetitiveness, valuing principles such as respect, friendship, cooperation, excellence and citizenship. It was also evidenced that informal fair play and the valorization of corporeality contribute to overcoming reductionist perspectives present in school Physical Education. It is concluded that Olympism can be understood as a philosophy of education and a formative instrument for the construction of critical, autonomous and socially committed subjects.

Keywords: Olympism; Olympic Education; school sports; human formation.

HOMO OLYMPICUS: EL OLIMPISMO COMO INSTRUMENTO DE FORMACIÓN HUMANA

Resumen - En Brasil, la formación en Educación Física ha favorecido históricamente enfoques biológicos y técnicos en detrimento de los fundamentos filosóficos, sociológicos y humanistas orientados a la comprensión integral del ser humano. En este contexto, el Olimpismo, concebido por Pierre de Coubertin como una filosofía de vida basada en el equilibrio entre cuerpo, mente y espíritu, se presenta como una importante posibilidad pedagógica para la educación física contemporánea. Este ensayo teórico tuvo como objetivo analizar el concepto de *Homo Olympicus* en la sociedad contemporánea y discutir cómo la Educación Olímpica puede contribuir a la formación humana en el contexto del deporte educativo y escolar contemporáneo. Se trata de un ensayo teórico, con un enfoque cualitativo y carácter analítico-descritivo, basado en la revisión bibliográfica y el análisis documental. El recorrido teórico se estructuró a partir de las categorías filosofía de la educación, pedagogía deportiva, corporalidad, juego limpio, deporte educativo y los conceptos antropológicos de *Homo Ludens*, *Homo Gymnasticus*, *Homo Sportivus* y *Homo Olympicus*. Los resultados indican que la Educación Olímpica amplía las posibilidades pedagógicas del deporte al superar la lógica restringida del rendimiento y la hipercompetitividad, valorando principios como el respeto, la amistad, la cooperación, la excelencia y la ciudadanía. También se evidenció que el Juego Limpio informal y la valorización de la corporalidad contribuyen a superar las perspectivas reducionistas presentes en la Educación Física escolar. Se concluye que el Olimpismo puede entenderse como una filosofía educativa y un instrumento formativo para la construcción de sujetos críticos, autônomos y socialmente comprometidos.

Palabras-clave: Olimpismo; Educación Olímpica; deportes escolares; formación humana.

Luis Gustavo
Maganhato

lgmaganhato@gmail.com

Universidade de
Sorocaba, Brasil

Rafael Ângelo Bunhi
Pinto

Universidade de
Sorocaba, Brasil

Rui Anderson Costa
Monteiro

Universidade Nove de
Julho, Brasil

Rodrigo Paiva

Faculdade de Educação
Física da ACM de
Sorocaba, Brasil

[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v10.id236](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v10.id236)

Recebido: 24 mai 2026

Aceito: 12 set 2026

Publicado: 12 set 2026



Introdução

A formação em Educação Física no Brasil historicamente privilegiou disciplinas biológicas e técnico-esportivas. Embora fundamentais, essas áreas, quando sobrevalorizadas em detrimento de fundamentos filosóficos, sociológicos e culturais, geram lacunas humanísticas na docência da educação básica, perpetuando uma visão cartesiana que reduz o corpo à condição de ‘corpo-objeto’ ou ‘corpo-máquina’¹.

Essa insuficiência estende-se aos programas de pós-graduação, limitando a preparação acadêmica analítica². Tal restrição compromete a capacidade de responder fundamentadamente às indagações essenciais da prática educativa, que exigem sólida reflexão epistemológica³. Contudo, a graduação ainda prioriza o viés prático-desportivo em detrimento de uma formação pedagógica crítica.

Sob essa perspectiva, o esporte, quando pedagogicamente articulado à escola, pode ultrapassar a dimensão técnico-esportiva e constituir-se como espaço de aprendizagem para a vida, favorecendo valores como solidariedade, responsabilidade, autonomia e convivência social⁴. Diante disso, emerge a possibilidade de compreender o Olimpismo e a Educação Olímpica como filosofia da educação útil à pedagogia do esporte. Com base nisso, este ensaio teórico, de abordagem qualitativa e caráter analítico-descritivo, discutiu as contribuições desse ideário para o esporte educacional e escolar contemporâneo.

Materiais e métodos

Trata-se de um ensaio teórico, de abordagem qualitativa e caráter analítico-descritivo, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica e análise documental. Essa opção metodológica permitiu a compreensão crítica de significados, valores e concepções sobre Olimpismo, Educação Olímpica e pedagogia do esporte escolar, interpretando fundamentos filosóficos, antropológicos e pedagógicos da formação humana mediada pelo desporto.

O percurso estruturou-se na análise de produções científicas, livros, legislações e documentos institucionais sobre Filosofia da Educação, corporeidade, *fair play* e Educação Olímpica. Mobilizaram-se referenciais teóricos acerca dos conceitos de *Homo Ludens*, *Homo Gymnasticus*, *Homo Sportivus* e *Homo Olympicus*, compreendendo suas relações históricas com o esporte moderno.

O ensaio concentrou-se nas possibilidades pedagógicas do Olimpismo no âmbito do esporte educacional e escolar contemporâneo.

DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

No ordenamento jurídico que fundamenta o esporte nacional, constata-se que o desporto educacional é estruturado como direito fundamental voltado à formação integral e à cidadania, devendo, deliberadamente, evitar a seletividade e a hipercompetitividade. Conforme a Lei Pelé (Lei nº 9.615/98), essa manifestação consolidou-se em duas vertentes: o esporte educacional, pautado na inclusão e na saúde, e o esporte escolar, direcionado ao desenvolvimento de talentos em consonância com a formação cidadã⁵. Essa premissa foi chancelada e expandida pela Lei Geral do Esporte (Lei nº 14.597/2023), que reitera a educação como princípio basilar e atribui ao poder público o dever de universalizar o acesso a práticas planejadas, inclusivas e lúdicas desde a base, consolidando o esporte educacional e assistemático como ferramenta indispensável para o desenvolvimento físico, intelectual e social de crianças e adolescentes⁶.

Sob essa óptica, o esporte-educação tem sido interpretado como esporte escolar, na mesma lógica das entidades de prática esportiva, para formar equipes e disputar competições¹. Os investimentos são feitos em geral para patrocinar competições estudantis e financiar jovens com potencial olímpico.

Análises críticas apontam para as noções ingênuas em torno do conhecimento e da prática esportiva voltada para crianças dentro da sociedade capitalista, argumentando que a presença do esporte na escola muitas vezes assume um caráter adestrador. Diante disso, há uma provocação para que os professores de Educação Física repensem suas práticas pedagógicas, propondo um modelo de esporte que não tenha como princípio norteador o rendimento, a competição excludente entre ‘melhores e piores’ ou o esforço individual centrado na superação do adversário. Em vez disso, defende-se a construção de uma prática esportiva baseada na cooperação, no jogar com e não contra o outro, priorizando o coletivo sobre o individual, inclusive com a valorização do adversário enquanto parceiro no processo educativo⁷.

O esporte-educação se baliza nos princípios da inclusão, participação, cooperação, coeducação e corresponsabilidade, em que a prática esportiva tem como fim a formação para a cidadania⁸. Contudo, pouco tem sido feito para incentivar iniciativas de esporte

educacional, realizadas dentro ou fora das escolas, voltadas a processos educativos que fomentem a integração social e cultural das diversas comunidades.

Parece-nos claro que, no ambiente escolar, haverá sempre predominância de estímulos dirigidos aos estudantes que manifestam talento em determinadas atividades, o que contribui para a ampliação de iniciativas voltadas à organização de eventos esportivos estudantis, como Jogos e Olimpíadas Escolares. Isso reforça o posicionamento do esporte escolar na direção do esporte de rendimento, em detrimento das concepções de esporte educacional.

Entretanto, é preciso considerar perspectivas que reconhecem os benefícios pedagógicos e educativos do esporte de rendimento, apresentando críticas a posturas idealistas que pregam a ausência total de competição no âmbito do esporte educacional. Argumenta-se que tal posicionamento representaria a criação de um ‘cordão sanitário’⁹ em torno do esporte e a negação de sua própria essência. Sob essa perspectiva, defende-se que o treino, a competição, a aprendizagem e a prática desportiva constituem, legitimamente, o palco para a exercitação de desafios educativos complexos, sérios e objetivos.

Diante disso, cabe questionar a relevância da Filosofia da Educação para a formação crítica e consciente do profissional de Educação Física. Neste estudo, essa área é mobilizada especificamente como fundamento para a reflexão sobre os pressupostos e as implicações que moldam o perfil profissional do educador¹⁰. Sem essa atitude reflexiva, os profissionais tendem a seguir uma racionalidade oculta que orienta suas ações de forma não questionada.

Flickinger¹⁰ destaca múltiplas concepções de educador vinculadas a paradigmas científicos que sustentam lógicas distintas na prática. Essa dependência entre racionalidade profissional e perfil docente pode induzir à aceitação automática de princípios sem questionamento, arriscando a imposição de normas rígidas a um processo essencialmente pautado pela abertura e formação pessoal.

A formação cultural atribui à educação uma finalidade mais antropológica do que estritamente ética ou política, já que, para formar indivíduos éticos e politizados, é necessário antes promover sua formação cultural. No cenário contemporâneo, a Filosofia da Educação é influenciada por diversos paradigmas que coexistem, refletindo a complexidade da cultura atual. Destacam-se, de um lado, a persistência de uma visão

tecnofuncionalista¹¹, pautada pela ciência e pelo tecnicismo, e, de outro, o crescimento de uma perspectiva que valoriza a sensibilidade e a expressão subjetiva na formação humana.

Do ponto de vista epistemológico, a expressão ‘Ciência do Esporte’ caracteriza-se pela tentativa de criar um espaço que reúna todas as disciplinas científicas que, de alguma forma, abordam temas relacionados ao esporte, ou ainda pela busca de construção de um campo verdadeiramente interdisciplinar a partir das ciências do esporte¹.

Nesse sentido, defende-se uma Ciência do Esporte no singular, ou uma ‘desportologia’, voltada às demandas da prática esportiva¹². Sob essa perspectiva, os conhecimentos científicos sobre o desporto tiveram origem nas teorias da educação física, onde, aos poucos, passaram a substituir os métodos tradicionais de ginástica, até então predominantes.

Entendendo a ciência do esporte como uma área que integra diferentes saberes para estudar o esporte, a atividade física e o movimento do corpo humano, parte-se do princípio de que é necessário o uso de métodos científicos para compreender melhor seus fundamentos. Isso contribui para a otimização do desempenho físico e da saúde, além de considerar os impactos emocionais e sociais da prática esportiva. Nesse contexto, torna-se relevante estudar as concepções da pedagogia do esporte.

A pedagogia do esporte traz conteúdos relevantes que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem dos esportes. Compreende-se essa área como uma práxis educativa que articula teoria e prática de maneira coerente e significativa, buscando investigar e intervir na prática esportiva para garantir que o sujeito possa se apropriar do fenômeno esportivo, assumindo, assim, a responsabilidade pela educabilidade do indivíduo¹³.

Pesquisas na área ressaltam que a pedagogia do esporte está ligada principalmente à pedagogia geral e à ciência do esporte, dedicando-se a analisar, interpretar e compreender as diversas formas esportivas sob perspectivas pedagógicas⁹. Além de elaborar conceitos, essa vertente também se dedica às reflexões, ao desenvolvimento de conhecimentos e à formulação de diretrizes didáticas e metodológicas voltadas à diversidade das práticas esportivas.

Nessa perspectiva, a recuperação de um protagonismo axiológico, antropológico e filosófico atribui à pedagogia do desporto a

incumbência de reafirmar o imperativo categórico da qualidade e de propor novas formas de formação e de atuação formadora. Em outras palavras, cabe-lhe reavivar a consciência da dignidade humana e promover a qualidade da educação em todos os contextos desportivos (p. 35)⁹.

Vislumbramos um cenário em que as práticas educativas precisam se configurar como poderosas oportunidades para a transformação dos comportamentos dos alunos. Para isso, é urgente aprimorar a formação dos professores de Educação Física e dos treinadores esportivos, pois defende-se que é chegada a hora em que o desenvolvimento das múltiplas potencialidades humanas seja mais do que um discurso acadêmico-pedagógico¹⁵.

A instituição de ensino deve contribuir para o desenvolvimento integral do ser humano e a Educação Física escolar incorporar este objetivo com mais intensidade em seu planejamento, inclusive na difusão dos conteúdos esportivos na escola. Nesse sentido, aponta-se que uma orientação educativa do esporte deve estar vinculada a três áreas pedagógicas principais: a integração social, que assegura uma participação autêntica e oferece aos educandos oportunidades de decisão na organização das atividades; o desenvolvimento psicomotor, que respeita o nível de habilidade motora dos alunos e estimula a autocrítica, a autoavaliação e a autoestima; e as atividades físicas educativas, nas quais a prática esportiva contribui para a formação da personalidade, promove a emancipação e é considerada um caminho essencial para o exercício da cidadania¹⁶.

Nos estudos antropológicos aplicados à Educação Física e ao Esporte, a compreensão dos valores que balizam o desporto educacional frequentemente evoca uma linha de conceitualização evolucionária expressa nas figuras do *homo ludens*, *gymnasticus* e *sportivus*. Inicialmente, exalta-se o *Homo Ludens* em contraposição ao *Homo Faber*, defendendo que a cultura e a civilização surgem e se desenvolvem no jogo e pelo jogo¹⁷, funcionando como um espaço fundamental de busca pela liberdade perante as estruturas sociais rígidas¹⁸.

Posteriormente, sob a influência do pensamento rousseauiano sobre a cultura do corpo e o desenvolvimento moral, emerge a concepção do *Homo Gymnasticus* a partir de produções do final do século XVIII¹⁹. Esse ideal buscava fortalecer e reformar a natureza corporal, estabelecendo uma harmonia necessária entre corpo e espírito como resposta às fragilidades educativas da época.

Avançando nessa construção simbólica e cultural, o final do século XX delinea a figura do *Homo Sportivus*, que representa o indivíduo que integra definitivamente a atividade física ao seu estilo de vida²⁰. Enraizado na tradição de superação e renovação do sujeito, esse conceito expressa a complexa relação entre natureza e cultura na configuração do corpo²¹.

No âmbito pessoal, esse sujeito busca expandir suas capacidades e conferir sentido à existência, enquanto no plano social recorre às suas vivências desportivas como meio de socialização e integração cósmica. Essa evolução conceitual pavimenta o caminho para a introdução do *Homo Olympicus*, ideal pedagógico decisivo para a consolidação do esporte nos currículos escolares²².

A compreensão do fenômeno esportivo contemporâneo requer uma imersão em suas raízes históricas e ideológicas, sobretudo no que diz respeito à gênese do ideal olímpico. Nesse contexto, o conceito de *Homo Olympicus* surge como figura central, representando não apenas um tipo específico de atleta, mas incorporando uma complexa rede de valores que fundamentam o Olimpismo.

No final do século XX, resgata-se o modelo do *Homo Olympicus*, concebido na esteira do reavivamento dos Jogos Olímpicos na Era Moderna²¹. Ao contrário de outros eventos esportivos internacionais, os Jogos Olímpicos estão diretamente fundamentados em uma ideologia própria de valores: o Olimpismo. A origem dessa proposta de prática educacional baseada no esporte, com suas nuances e objetivos, está ligada a bases intelectuais construídas em um período de intensa turbulência interna europeia, marcado por sucessivas mudanças de regime e instabilidade política — fatores que influenciaram fortemente a construção teórica desse movimento²³.

De modo geral, o Olimpismo pode ser entendido como o resultado de uma combinação criativa entre a valorização do esporte no modelo educacional inglês do século XIX e os princípios humanistas dos jogos esportivos da Grécia clássica¹. Essa fusão deu origem a uma metateoria da prática esportiva com ambições universalistas.

Essa construção consolidou-se por meio de propostas firmadas por homens de ação, comprometidos com a intervenção prática²⁴. Compreendeu-se, pioneiramente, que o esporte não possui uma função social pré-determinada; ao contrário, seus efeitos positivos dependem substancialmente dos valores que orientam sua prática.

Mas tanto hoje como ontem sua ação será benéfica ou prejudicial segundo o que se saiba tirar dele e a direção na qual se o estimule. O atletismo pode colocar em jogo as paixões mais nobres, assim como as mais vis; pode desenvolver o desinteresse e o sentido de honra, bem como o afã pelo lucro; pode ser cavalheiresco ou estar corrompido, ser viril ou bestial; cabe, finalmente, utilizá-lo para consolidar a paz quanto para preparar a guerra (p. 654)²⁴.

Fica evidente que o esporte deveria ser compreendido como uma ação física, moral e social destinada a reconstituir o homem e a sociedade, fundada nos conceitos de excelência e equilíbrio e orientada por uma ética positiva²⁵. O esporte constituía-se como parte essencial da educação de todo jovem, em patamar de igualdade com a ciência, a literatura e a arte²⁶. Sob essa óptica, a liderança histórica do Movimento Olímpico da Era Moderna considerava-se, antes de tudo, um educador, estabelecendo como objetivo central a oferta de uma educação harmoniosa voltada simultaneamente para o corpo e para a mente da juventude²⁷.

Nessa perspectiva, o esporte e os Jogos Olímpicos representam uma forma de culto ao ser humano em sua totalidade — envolvendo corpo e mente, emoção e razão, vontade e consciência. Compreende-se que esses elementos coexistem em constante conflito, disputando a dominação do indivíduo, de modo que o verdadeiro desafio reside em alcançar o equilíbrio dinâmico entre tais forças²⁸.

O Olimpismo e a educação olímpica

A compreensão do Olimpismo exige distinguir a filosofia olímpica dos Jogos Olímpicos em si; embora indissociáveis, os Jogos isolados não esgotam a complexidade desse ideário. Conforme as diretrizes institucionais do movimento, o Olimpismo é uma filosofia de vida que equilibra corpo, espírito e mente, integrando esporte, cultura e educação sobre a base do respeito a princípios éticos universais e do prazer pelo esforço⁽²⁶⁾. Embora resgate os ideais humanistas e o espírito de confraternização da Grécia Antiga, o modelo adaptou essa tradição universalista ao cenário educacional moderno, propondo o esporte como uma ação física, moral e social destinada a reconstituir o homem e a sociedade sob uma ética positiva^{1,25}.

É nesse horizonte que se consolida a Educação Olímpica, termo cunhado na esteira desse legado pedagógico, que defendia historicamente a premissa da ‘educação através do esporte’³⁰. A proposta central dessa abordagem transcende o ambiente estritamente

esportivo ao adotar o desporto como ferramenta pedagógica interdisciplinar voltada ao desenvolvimento integral de crianças e jovens. Ao mobilizar valores como amizade, respeito e excelência — que, na essência, constituem valores humanos universais —, essa vertente instrumentaliza a prática corporal para o pleno exercício da cidadania, estimulando a reflexão crítica e a transformação social³¹.

Assim, refletir sobre a educação por meio do esporte constitui um processo transformador que desconstrói a lógica da exclusão e valoriza os aspectos humanísticos do movimento humano³². A ação educativa balizada por esses princípios promove o respeito mútuo, o autocontrole e a autorrealização, estimulando o educando a buscar o melhor de si tanto nas práticas cotidianas quanto nos desafios sociais. Desse modo, o Movimento Olímpico cumpre sua função social ao utilizar o esporte escolar não apenas para fins de rendimento, mas como estratégia basilar para influenciar positivamente as condutas e edificar hábitos saudáveis na juventude^{33,34}.

***Fair play*, corpo e corporeidade: corpo objeto e corpo sujeito**

No âmbito da Educação Olímpica, o *fair play* transcende a mera tradução de ‘jogo limpo’ ou a visão normativa e conservadora de códigos institucionais de ética desportiva. Conforme a teorização clássica da área, o conceito se divide em duas dimensões complementares: a formal, que se limita ao cumprimento objetivo das regras e regulamentos estabelecidos, e a informal, que se estende além das linhas de marcação e vincula-se diretamente às atitudes morais e ao autocontrole do praticante^{1,35}. Longe de ser apenas uma imposição de conduta, o *fair play* atua como um espaço de mediação subjetiva e de escolha ética. No ambiente escolar, ele serve para balizar atitudes de amizade e respeito mútuo, combatendo desvios como a trapaça, a violência e a exclusão mercadológica do esporte.

Há muito tempo o corpo humano deixou de ser visto apenas como uma entidade natural para se transformar em um campo experimental marcado por desejos, visões, esperanças e fantasias idealizadas. Impulsionados pela ciência, pela tecnologia e por interesses corporativos, diversos agentes da modernidade passaram a direcionar sua atenção ao corpo com o objetivo de moldá-lo e disponibilizá-lo conforme fins e desejos socialmente eleitos, tornando-o parte de um projeto típico da era moderna¹⁹.

Aponta-se que o corpo é alvo de um investimento político que visa seu controle e sujeição, funcionando como instrumento fundamental nas relações de poder. Nessa perspectiva, o corpo não é apenas uma realidade biológica, mas está profundamente imerso em um campo político: ele é marcado, dirigido, disciplinado e submetido a práticas que vão do trabalho às cerimônias³⁶. Esse processo de dominação está intrinsecamente ligado à sua funcionalidade econômica, já que o corpo só se torna uma força útil quando é, ao mesmo tempo, produtivo e submisso.

O esporte tem figurado nos estudos sociais e da psicologia como recurso potente de reorganização e doutrinação do corpo e da mente. Descreve-se o homem desportivo como representação de um ideal baseado no esforço individual e na superação constante, orientado por um princípio que o impele a construir a própria identidade por meio de seu desempenho³⁷. Esse sujeito é movido por um desejo de transcendência que rejeita a acomodação e o conformismo, impulsionando-o continuamente em direção a novos desafios, metas mais elevadas e incessantes avanços.

O corpo esportista é disciplinado e controlado para produzir performances de um campeão. O lema olímpico *Citius, Altius, Fortius* (mais rápido, mais alto e mais forte) resume a lógica de performance do esporte moderno, no qual o corpo do atleta é submetido a intenso condicionamento físico, técnico e tático para alcançar força, resistência, velocidade e precisão. Além disso, o atleta é treinado psicologicamente para desenvolver força de vontade, autodomínio e foco na vitória. Os valores do esporte moderno funcionam como modelos de conduta, com ênfase na busca pela performance perfeita como caminho para o sucesso. Nesse contexto, as teorias sobre o poder e a disciplina são fundamentais para compreender como o esporte se tornou um instrumento de disciplinamento e controle do corpo, tornando-o útil, produtivo e obediente^{36,38}.

O conceito de corporeidade envolve a própria experiência da vida e da existência, sendo o momento em que o sujeito percebe o mundo, o outro e a si mesmo, buscando compreender essas relações e reaprender a enxergar a vida e a realidade ao seu redor⁴¹.

Existem dois princípios fundamentais para compreender a corporeidade. O primeiro destaca que o mundo não é algo apenas pensado, mas vivido; estamos abertos a ele e em constante relação, embora nunca o esgotemos totalmente. O segundo princípio afirma que toda compreensão deve considerar múltiplas perspectivas integradas, pois cada uma revela aspectos de uma mesma estrutura de sentido. Defende-se a necessidade

de ir além de visões parciais e alcançar o núcleo existencial comum que se manifesta em cada ponto de vista, compreendendo a história e a existência a partir do corpo, e não apenas da razão ou da ação⁴².

A corporeidade, conforme a fenomenologia, é a expressão da existência de um ser que pensa o mundo, o outro e a si mesmo, buscando reaprender a enxergar a vida e a realidade ao seu redor⁴³. Os conceitos de corporeidade e movimento ganharam maior relevância teórica especialmente quando relacionados com os constructos de consciência, corpo, mundo e experiência. Sob essa perspectiva, ser uma consciência, ou, antes, ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar com eles, assumindo que todo movimento é indissolivelmente movimento e consciência de movimento⁴².

Corporeidade é a transformação do ser humano, que deixa de ter um corpo apenas bruto, incapaz e sem cultura, para buscar um corpo belo, ágil, ético e espiritual, passando de uma visão puramente biológica e motora para um corpo cultural, cheio de significados e símbolos⁴⁴. Propõe-se uma teoria da corporeidade que funcione como ponte entre o que sentimos e o que entendemos, focando no corpo em movimento e sua busca constante por superação.

No caso do aluno/atleta que participa de competições escolares, a aprendizagem e a prática esportiva devem ser significativas, relevantes e desafiadoras, não só para melhorar o desempenho, mas também para, por meio dessa corporeidade, conquistar a cidadania. Assim, o esporte escolar pode ajudar a formar o sujeito que busca ir além de si mesmo por meio do esporte^{20,44}.

Corporeidade representa o avanço em uma educação que reconhece que o ser humano aprende não apenas pela inteligência, mas também pelo corpo, pelas emoções, pela sensibilidade e pela imaginação. No processo de aprendizagem, entende-se que, assim como o homem não é apenas animal nem apenas razão, ele também não se limita a ser indivíduo nem só um ser social⁴⁵. Essa preocupação do processo educativo destina-se a compreender o fenômeno humano no sentido de sua existência, da sua história e da sua cultura⁴³.

No percurso da vida, torna-se relevante a compreensão de si e do próprio corpo; contudo, essa tarefa não é facilmente realizada de forma solitária. É neste palco que

surgem as contribuições de pessoas e profissionais essenciais. No caso do esporte educacional e escolar, destaca-se a intervenção do Profissional de Educação Física.

Argumenta-se classicamente que o pintor não se limita ao uso de técnicas para pintar uma superfície, mas nos ensina a ver o mundo⁴⁶. De maneira semelhante, o profissional de Educação Física, ao utilizar o esporte como instrumento da prática educativa, não se restringe às técnicas de treinamento esportivo para formar atletas, mas também nos ensina a ver o mundo⁴⁰.

O professor de Educação Física, ao assumir uma postura investigativa e fenomenológica, revela-se também um pedagogo atento à experiência vivida. Nessa perspectiva, a Educação Física deve ser compreendida não apenas como ciência, mas também como arte de se mover, pensar e sentir, integrando corporeidade, motricidade, ação e pensamento. Ao transformar saber em conhecimento e informação em cultura, por meio da reflexão e da pesquisa científica, é possível alcançar uma sabedoria enraizada culturalmente voltada à essência dos fenômenos puros⁴⁶. Assim, a prática da Educação Física torna-se uma metáfora viva da busca constante por compreender o corpo em movimento.

Embora não seja possível determinar com precisão quando e por que os Jogos Olímpicos foram criados, é oficialmente reconhecido que a primeira edição ocorreu em 776 a.C., na cidade de Olímpia, na Grécia Antiga²². Nessa ocasião, atletas de várias regiões se reuniam para competir em diferentes modalidades esportivas, em um evento que unia competições físicas e rituais religiosos em homenagem aos deuses gregos. Os vencedores recebiam uma coroa de ramos de oliveira, equivalente às medalhas atuais, e os jogos eram realizados a cada quatro anos, período em que todas as guerras eram suspensas. Os Jogos Olímpicos antigos foram encerrados em 394 d.C., quando o imperador romano Teodósio, após converter-se ao cristianismo, proibiu o evento por considerá-lo um ritual pagão. Independentemente das idas e vindas dos Jogos Olímpicos, o fato é que o ‘Espírito Olímpico’ permaneceu presente e alcançou diversos espaços da sociedade contemporânea, inclusive o contexto educacional e as escolas.

Conclusões

Este ensaio teórico analisou o conceito de *Homo Olympicus* na sociedade contemporânea e as contribuições da Educação Olímpica para a formação humana no âmbito do esporte educacional e escolar.

Os resultados evidenciaram que a Educação Olímpica expande as possibilidades do esporte escolar ao superar o rendimento e a hipercompetitividade. Princípios como respeito, cooperação, excelência e *fair play* fortalecem práticas comprometidas com a cidadania, a inclusão e o desenvolvimento ético-cultural, conferindo ao desporto uma função eminentemente formativa que transcende a dimensão puramente técnica.

Ademais, ressaltou-se a relevância da corporeidade e da reflexão filosófica para superar visões reducionistas na Educação Física. Ao conceber o corpo como dimensão existencial, cultural e simbólica, afasta-se a lógica mecanicista e disciplinadora, consolidando a área como espaço de autonomia, criticidade e emancipação.

Conclui-se que o Olimpismo, articulado à Educação Olímpica, constitui um potente instrumento pedagógico humanista e socialmente engajado. A valorização do esporte educacional orientado por tais preceitos favorece a construção de sujeitos críticos, cooperativos e plenamente conscientes de seu papel transformador na sociedade.

Referências

- 1 González FJ, Fensterseifer PE. Dicionário crítico de educação física. Ijuí: Editora Unijuí; 2005.
- 2 Sobreira V, Nista-Piccolo VL, Moreira WW. A Ciência do Desporto na perspectiva de Jorge Bento para a formação de professores de Educação Física. *Revista Olhares e Trilhas*. 2020;22:326-345.
- 3 Bento JO. Desporto: discurso e substância. Porto: Campos das Letras; 2004.
- 4 Freire JB. Ensinar esporte, ensinando a viver. Porto Alegre: Mediação; 2012.
- 5 Brasil. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto. *Diário Oficial da União*. 1998.
- 6 Brasil. Lei nº 14.597, de 14 de junho de 2023. Institui a Lei Geral do Esporte [citado 12 set 26]. Brasília (DF): Senado Federal; 2023. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14597.htm
- 7 Bracht V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos CEDES*. 1999;19(48):69-88.
- 8 Tubino MJG. Estudos sobre esporte: política e sociedade. São Paulo: Phorte; 2010.
- 9 Tani G, Bento JO, Petersen R. *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006.
- 10 Flickinger HG. Para que filosofia da educação? *Perspectiva*. 1998;16(29):15-22.

- 11 Severino AJ. A busca do sentido da formação humana: tarefa da filosofia da educação. *Educação e Pesquisa*. 2006;32(3):619-634.
- 11 Gaya ACA. *As Ciências do Desporto nos Países de Língua Portuguesa: uma abordagem epistemológica*. Porto: Universidade do Porto; 1994.
- 12 Reverdito RS, Scaglia AJ, Montagner PC. *Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados*. São Paulo: Phorte; 2013.
- 13 Bento JO. *Pedagogia do desporto: contextos e discursos*. Porto: Universidade do Porto; 2006.
- 14 Paiva RS. Entre a ostentação do discurso e a miséria das práticas: implicações para o corpo e a educação física escolar no ensino básico no Séc. XXI. *Revista @mbienteeducação*. 2019;12(1):112-124.
- 15 Rossetto Jr H, Arena SS. *Orientação educativa do esporte*. São Paulo: Phorte; 2008.
- 16 Huizinga J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva; 1993.
- 17 Esteves J. *O desporto e as estruturas sociais*. Lisboa: Prelo; 1975.
- 18 Bento JO, Tani G, Petersen R. *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara; 2007.
- 19 Tubino MJG. *O que é esporte*. São Paulo: Brasiliense; 1984.
- 20 Bento JO. Do Homo Sportivus: entre a utopia e a preocupação. *Povos e Culturas*. 2004;(9):25-40.
- 21 Godoy L, Sevegnani P. *O olimpismo na escola*. São Paulo: Phorte; 2014.
- 22 Tadini RF. O Olimpismo de Pierre de Coubertin e sua contribuição para o megaevento esportivo Jogos Olímpicos [citado 12 set 2026]. *Anais do V Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*. Belo Horizonte; 2008. Disponível em <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/5/94.pdf>
- 23 Tavares O. *Esporte e Valores Olímpicos*. Rio de Janeiro: Gama Filho; 2003.
- 24 Coubertin P. O caráter do nosso empreendimento. In: Müller N, Todt NS. *Pierre Coubertin 1863-1937: Olimpismo: seleção de textos*. Porto Alegre: EdPUCRS; 2015. p. 652-655.
- 25 Comitê Olímpico Internacional (COI). *Carta Olímpica* [citado 12 set 2026]. Lausanne: COI; 2025. Disponível em <https://www.olympics.com/ioc/olympic-charter>
- 26 Miragaya A. Educação Olímpica: o legado de Coubertin no Brasil. In: Reppold Filho AR, Pinto LM, Rodrigues RP, Engelman S, editors. *Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; 2009.
- 27 Müller N. *Pierre de Coubertin: Textes choisis - Olympisme*. Zurich: Hildesheim, New York; 1986.
- 28 Rocha AA, Nicolini H. *Olimpismo no Brasil: medalhas e classificações*. São Paulo: Editora Phorte; 2008.
- 29 Müller N. Olympic Education. In: Ren H, DaCosta L, Miragaya A, Jing N. *Olympic Studies Reader Volume I*. Beijing: Beijing Sport University Press; 2009. p. 345.
- 30 Miragaya A. *O Empreendedorismo Olímpico de Pierre de Coubertin*. Rio de Janeiro: Gama Filho; 2006.
- 31 He Z. The development of the International Olympic Movement since the 1980s and the issues it faces. In: Ren H, DaCosta L, Miragaya A, Jing N, editors. *Olympic Studies Reader Volume I*. Beijing: Beijing Sport University Press; 2009. p. 37.
- 32 Santos SO, Quintilio NK. A Educação Olímpica em tempos de pandemia e ensino remoto. *Olimpianos - Journal of Olympic Studies*. 2020;4:193-206.

- 33 Rubio K, Leite CM, Zimmermann MA. Prática docente em educação olímpica: um desafio transversal. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2013;(Supl 7):53-59.
- 34 Perez G, Zimmermann MA. Valores do esporte na escola. São Paulo: Cortez; 2018.
- 35 Turini C, Costa L. Educação Olímpica e o ambiente escolar. Rio de Janeiro: Shape; 2002.
- 36 Conselho da Europa. Código de Ética Desportiva. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras; 1996.
- 37 Foucault M. Vigiar e punir: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes; 2010.
- 38 Bento JO. Doping e modelos de homem. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 2002;2(5):25-40.
- 39 Caminha IO. Corpo, esporte e educação olímpica. In: Reppold Filho AR, Pinto LM, Rodrigues RP, Engelman S. *Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; 2009. p. 59-67.
- 40 Moreira WW. Corporeidade e existência. São Paulo: Mackenzie; 2006.
- 41 Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes; 1999.
- 42 Gonçalves-Silva LL, et al. Reflexões sobre corporeidade no contexto da educação integral. *Educação em Revista*. 2016;32(1):185-209.
- 43 Moreira WW. Educação Física e corporeidade no esporte escolar. Curitiba: CRV; 2018.
- 44 Rezende JR. O corpo e a educação física na abordagem da sensibilidade. São Paulo: Autores Associados; 1990.
- 45 Merleau-Ponty M. O Olho e o Espírito. São Paulo: Nova Cultural; 1964.
- 46 Carmo Júnior W. Dimensões filosóficas da educação física. In: Rangel ICA, Darido SC. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005.